

NOTAS SOBRE A SITUAÇÃO DOS INDIOS MURA

LEVANTAMENTO DA SITUAÇÃO ATUAL DAS
POPULAÇÕES INDÍGENAS NO BRASIL
CAMPUS FEDERAL 54087
01000

Adélia de Oliveira
Adélia Engrácia de Oliveira

Museu Goeldi

Os índios Mura parecem ter sido numerosos no passado e abrangiam uma área de ação que se estendia da fronteira do Peru até o rio Trombetas, na região amazônica. Segundo um Anônimo, o grupo Mura, em 1826, era formado por mais de 60.000 indivíduos. Como já disse em um trabalho anterior (Boletim do Museu Goeldi, Antrop.66), "durante o século XVIII, de formas diversas eles tentaram impedir a invasão de seus territórios pelos "civilizados", o que os fez ser temidos em toda a Amazônia. Com suas incursões e ataques eles dificultaram o estabelecimento dos portugueses, a ação das missões e das guarnições militares em vasta região da Amazônia; obrigaram Itacoatiara e Borba a mudar de colocação cinco e quatro vezes respectivamente; colocaram obstáculos à comunicação fluvial entre Mato Grosso e Pará, através do rio Madeira, durante algum tempo e atemorizaram as "vilas" e os "lugares" da Amazônia. Mas pelo fato de estarem tentando rechaçar a invasão dos "civilizados" em suas terras os Mura foram massacrados e atacados anualmente pelas "Tropas Auxiliares da Capitania" e por expedições punitivas diversas o que os fez sofrer grande mortandade, aumentada por epidemias como sarampo e bexiga. Na tarefa de combater os Mura os portugueses aliciaram a seu serviço os índios Munduruku. A pressão se fez de tal ordem que entre 1784 e 1786 eles procuraram a paz em Sto Antônio do Maripi, no rio Japurá. Apesar da dependência mais acentuada da sociedade nacional, que adquiriram com essa procura de paz, eles continuaram sem proteção e em 1834-36 aliaram-se aos Cabanos durante a Cabanagem e com eles foram massacrados. Sendo, pois, vitimados por epidemias e por ataques civis e militares, os Mura foram-se reduzindo numericamente como consequência do contato com os "civilizados" e acabaram por se integrar às comunidades rurais das cercanias onde

viviam, perdendo, pois, as características básicas de sua cultura."

Atualmente, segundo informações verbais, eles não chegam a somar 1.000 indivíduos e encontram-se localizados à margem direita do Solimões, à jusante de Coari; no Posto Indígena de Criação Barbosa Rodrigues, nos lagos Autazes (rio Madeira); no Canumã; No Capanã Grande; no lago Acará (rio Madeira); no Lago Aiapuá (rio Purus) e no rio Urubu. Há, também, um sub-grupo conhecido por Mura-Pirahã que vive no rio Maici, afluente do Marmelos (rio Madeira).

Entre os Pirahã estivemos em 1973, 1975 e 1976 e pudemos verificar que o seu contato com o "civilizado" assumia três formas:-

ASSISTENCIAL - relação com os missionários do SUMMER que entre eles estavam atuando desde 1960. Serviam como intermediários nas relações entre esses índios e os regatões e caboclos das circunvizinhanças. Segundo nos pareceu, a atuação desses missionários foi bastante positiva no sentido de preservá-los. Eles atuavam como um freio à exploração econômica da área, uma vez que ali são procuradas a castanha-do-Pará, o pau-rosa, a ~~sorva~~ sorva, a sorvinha e o óleo de copaíba entre outros produtos, evitando assim que os Pirahã fossem absorvidos pela sociedade regional. Além de uma assistência médica, eles estavam dando aos índios condições para que eles voltassem a fazer roças e a fabricar farinha, através da doação de manivas e forno de torrar. E toda a troca com o regatão era feita por intermédio deles. Um missionário recebia o dinheiro do produto que lhe era ~~vendido~~ pago ao preço do comércio em Porto Velho ou Manicoré e com o mesmo adquiria armas de fogo, pólvora, malas e outros produtos requeridos pelo Pirahã.

ESCAMBO - relação com os regatões, caboclos, madeireiros e embarcadiços que durante a estação das chuvas carregam óleo para a estrada Transamazônica através do rio Maici. Em geral tais indivíduos param na aldeia Pirahã à procura de peixe, caça, arco

e flecha que trocam por farinha, açúcar, cachaça e quinquilharias diversas.

RECRUTAMENTO - os Pirahã são por vezes recrutados para coletar castanha, sorva, sorvinha, óleo de copaíba e de jacaré (árvore). Diariamente barcos cruzam o rio Maici mas, na época das chuvas intensas, do "inverno", que coincide com a coleta da castanha, cerca de 40 regatões navegam no rio Maici, parando nos "pontos" de castanha ali existentes. Os castanhais dos índios Pirahã são intercalados por castanhais que alguns "civilizados" dizem serem seus. Aliás, segundo fomos informados na região, para se apropriar das terras indígenas, um tal de sr. Pereira há ~~alguns~~ ^{alguns} anos atrás fez-se passar por Inspetor de Índios. Esses chamavam-no de "papai Pereira". Ele era pernambucano e enriqueceu com os castanhais dos índios. Ainda hoje, os que se dizem donos dos castanhais costumam trabalhar também nos dos Pirahã.

Além do problema da invasão de suas terras para a coleta dos produtos citados, segundo nos disseram os informantes alguns "civilizados" invadiram os seus lagos para praticarem a pesca com dinamite. Sendo os Pirahã considerados os maiores pescadores da região, essa forma de espoliação se torna ainda mais terrível.

Atualmente, sem a ação intermediária dos missionários do SUMMER que foram afastados de suas atividades e sem nenhum posto da FUNAI no local, acreditamos que os Pirahã estejam sendo encaminhados para uma dizimação total. Mais do que a posse definitiva de suas terras, que é um aspecto essencial do problema que eles estão ~~enfrentando~~ ^{enfrentando}, eles necessitam de uma Instituição que ponha um freio às atividades dos comerciantes da região, uma vez que eles, os Pirahã, estão reduzidos apenas a 100 indivíduos que parecem ter caído naquele estado de apatia comum a alguns grupos que defrontam um processo deculturativo.

Em 1975 estivemos com alguns remanescentes Mura no Posto Indígena Barbosa Rodrigues. Eram 91 pessoas completamente deculturadas e cujas relações com os ditos "civilizados" sofriam a supervisão do chefe do Posto da FUNAI. Só que a respeito desse chefe os índios Mura, entre outras, tinham as seguintes reclamações:

- escola - não havia escola noturna porque o motor não funcionava. Faltava combustível mas na casa do Posto havia luz. O chefe dizia que eles tinham que cooperar mas eles diziam que não possuíam dinheiro.

- leite - o Posto era de criação de gado mas só havia leite para o pessoal da casa do Posto, um funcionário índio e o capitão.
- prisão para quem bebia - segundo os informantes, ele "ia nas casas prender quem não estava fazendo nada e depois colocava para trabalhar com fome".
- merenda escolar - não era regularmente distribuída e gastou 30 k. de açúcar que veio para a merenda e todo o óleo.
- água para os alunos beberem - mandava as crianças irem ao rio, não deixando que elas utilizassem nem a água do pote, nem do filtro.
- remédios - nunca estava quando precisavam de remédios.
- troca e venda indevida de gado - trocou, sem permissão, 8 garrotes e vendeu 2 bois e 2 garrotes. Além disso retirou 7 cabeças de gado, sendo uma o reprodutor e colocou-as em outros pastos.

Além desses problemas, ligados à sua sobrevivência cotidiana, eles enfrentavam um outro que dizia respeito principalmente à sua sobrevivência como grupo. Era o problema das terras. Entre outros registramos: -

- a tomada dos terrenos de várzea, no lote do Guapenu, por elemento não indígena. Segundo os Mura lá existiam marcos postos pelo S.P.I. em 1918 e que o terreno estava em inventário, com papéis falsos.
- o lote de terras denominado Pantaleão, estavam sem nenhum índio porque os mesmos foram coagidos a abandoná-lo devido ao crescimento da cidade de Autazes que desenvolveu-se quase que somente em direção

ao aldeamento, uma vez que as terras circunvizinhas à cidade pertenciam a pecuaristas que não quiseram permitir a construção de casas em seus terrenos. Alguns anos antes foram arrancados os marcos delimitatórios e a construção de casas iniciou-se. Os Mura aí residentes deslocaram-se para outras aldeias e a Prefeitura local começou a lotear o terreno inicialmente a G\$-50,00 e em 1975 a G\$-80,00 sendo que na ocasião de nossa estada no Posto, o lote Pantaleão já contava com inúmeras casas, clube dançante e uma serraria que pertencia à Prefeitura Municipal de Autazes. O chefe do Posto Indígena havia estado com o Prefeito para que este tomasse providências, uma vez que os Mura ex-residentes no local reclamavam por suas terras mas ele alegou incompetência para o caso pois o loteamento fora realizado na gestão anterior.

Ameaças de invasão por parte do "civilizado" havia em outros lotes pertencentes ao Posto Indígena, como o de Capivara que era um problema constante.

Reiteramos novamente a nossa idéia de que a simples demarcação das terras indígenas não resolve o problema, pois, como vimos, terras já demarcadas foram invadidas. O problema é bem mais complexo e envolve a necessidade de uma assistência permanente.